



Em destaque especial Jorge Luis Borges e Walter Benjamin na era do ChatGPT

• PAG 2



Jorge Luis Borges e Walter Benjamin exploraram a IA muito antes dos outros, ao refletir sobre a reprodutibilidade técnica e a perda da "aura" das obras artísticas

São Luís vai entrar na era do impacto transformador do projeto Favela 3D

• PAG 4 e 5

Divulgação



ELAS

são amigas e não perdem uma chance de se reunir para fazer um brinde à alegria de viver. São elas: Thatiana Rodrigues Bandeira, Ana Lúcia Bernardes Albuquerque, Ana Elvira Buhatem, Rose Brunet Medeiros e Kátia Rocha (de pé); Cida Cavalcante Valadão, Flávia Araújo Ferraz, Melina Sereno Fernandes e Lígia Silva

• PAG. 5

Quando Bandeira Tribuzi reinava absoluto na redação do jornal O Estado do Maranhão, nossas madrugadas eram quase sempre movidas a conversas sobre o cotidiano de São Luís. Uma cervejinha gelada, pitadas de poesia nos diálogos e, vez por outra, mergulhos profundos no pensamento dos grandes sábios da humanidade.

Para Tribuzi a ideia de tempo é humana porque existem as palavras, e entre elas a palavra tempo. Ele costumava lembrar Santo Agostinho quando disse que se lhe perguntassem sobre o tempo saberia o que era, mas não saberia dizer, porque existem coisas que a palavra não dá conta. Sentimos o sinal dele na pele, nos ossos, e no acúmulo de experiências.

É engano crer que acumulamos memória. Tal tarefa, deixamos para Funes, o memorioso, personagem de Jorge Luis Borges, escritor que fez do tempo uma de suas preocupações. Funes tinha uma memória tão prodigiosa que sequer podia levantar-se da cama. Quando falavam a palavra "árvore", que para nós, desmemoriados do tempo, surge a imagem genérica, ou, quiçá de uma palmeira solitária, Funes lembrava de todas as árvores, uma por uma, e de todas as folhas que faziam parte de sua memória.

A memória, por sorte, à medida que envelhe-

LEMBRANÇAS

sem acúmulo de memórias com a certeza das coisas que a palavra não conta

ceamos, torna-se necessariamente seletiva. Somos capazes de lembrar da infância, porém esquecermos o cardápio do jantar de ontem. Pelo mesmo motivo, o cérebro guarda mais fatos agradáveis do que desagradáveis.

O tempo, esse senhor tão bonito, não cabe em nenhuma das três palavras que inventamos para tentarmos falar dele: o passado, o presente, o futuro, a não ser como taxonomia de coisas que acreditamos descrever, no máximo. Mesmo assim, tão impalpável sua "inclassificação", que, muitas vezes, mal sabemos se determinado fato aconteceu, está acontecendo ou se queremos que um dia aconteça.

Quanto sonhos confundidos com realidade. Que coisa é essa que não se alcança com a mão? Que se esvai no milésimo de segundo após a palavra dita? Que se quer e não se tem? Que se mescla e afirma não mais do que na mente de quem vive, porque o tempo definitivamente não existe para os que não conhecemos, ou que não vemos mais.

O tempo: só por ele sentimos o banzo que quase se materializa um passado quando sentimos um cheiro, ou quando olhamos uma casa que sequer conhecemos por dentro, mas parece estar na retina desde sabe-se lá quando, porque o tempo mesmo não tem mesura real, apenas uma abstrata e ínfima desrazão, analisada de um ponto de vista

único daquele que tenta de forma inútil descrever-lo numa página de jornal.

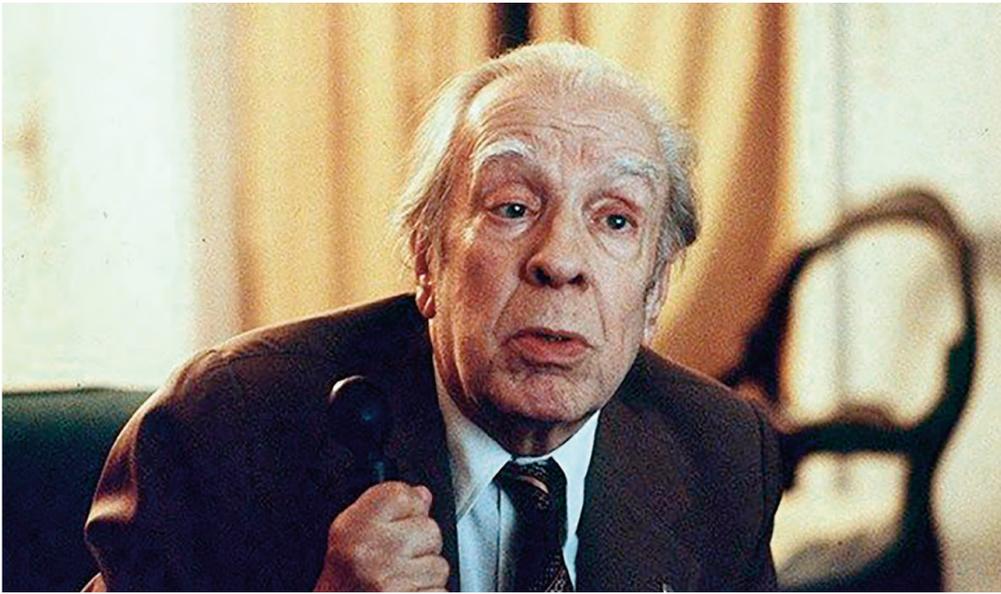
Matar o tempo, passar o tempo, recuperar o tempo perdido. Frases de efeito retórico, nada mais, porque tempo não se deixa passar, nem se deixa morrer, nem se perde. Mesmo fazendo palavras cruzadas, não sentimos as estrelas se afastando desde a mais remota explosão que nos deixou no meio do caminho em forma de gente. Como ser assim, tão só, perguntava Tribuzi, sob a estrela, medida única e incontável do tempo.

O tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel, disse Platão. O tempo não para, disse Cazuza. O tempo, essa mania humana de querer saber em cinco letras o que não se pode saber. O tempo é o pouco espaço disponível entre o primeiro e o último choro.

Pois é esse tempo que cabe menos na palavra tempo do que na palavra etcétera, que me deixa pensativo neste fim de semana. Tempo que é, também, esta agradável sensação de manter, há 55 anos, este diálogo diário com você, caro leitor. Um longo e insistente diálogo que me sugere agora encher uma taça do melhor champagne e fazer um brinde à vida. E ao próprio tempo percorrido.

Sim, porque o tempo nem nada leva nem nada traz.

Fotos/ Arquivo



No conto de "Pierre Menard, autor do Quixote" (1939), Borges inventou um personagem que pretendia recriar o Dom Quixote de Cervantes

JORGE LUIS BORGES E WALTER BENJAMIN NA ERA DO CHATGPT

É de Ênio Vieira o comentário de que a inteligência artificial (IA) coloca hoje questões profundas sobre autoria, originalidade e verdade nas artes e na vida cotidiana. Essas são discussões que Jorge Luis Borges (1899-1986) e Walter Benjamin (1892-1940) exploraram muito antes dos outros, ao refletir sobre a reproduzibilidade técnica e a perda da "aura" das obras artísticas. Interessante é que suas ideias ajudam a entender o impacto de um ChatGPT na cultura em geral. Nada ou muito pouco será como antes.

No conto de "Pierre Menard, autor do Quixote" (1939), Borges inventou um personagem que pretendia recriar o Dom Quixote de Cervantes. Mas ele não queria uma cópia do livro de 1605. A intenção era fazer uma "reinterpretação" fiel da obra no século 20, com a reprodução palavra por palavra do texto original, mas em seu próprio contexto

histórico. "O método inicial que [Menard] imaginou era relativamente singelo. Conhecer bem o espanhol, recuperar a fé católica, guerrear contra os mouros ou contra os turcos, esquecer a história da Europa entre os anos de 1602 e de 1918, ser Miguel de Cervantes", diz o narrador do conto borgiano. Qual foi o resultado?

Borges conta: "O fragmentário Quixote de Menard é mais sutil que o de Cervantes. Este, de modo grosseiro, opõe às ficções cavaleirescas a pobre realidade provinciana de seu país; Menard elege como 'realidade' a terra de Carmen durante o século de Lepanto e de Lope. Que espanholadas não teria sugerido essa escolha a Maurice Barrès ou ao doutor Rodríguez Larreta! Menard, com toda naturalidade, evita-as. Em sua obra não há cigânicos, nem conquistadores, nem místicos, nem Filipe II, nem autos-de-fé. Desatende ou proscreve a cor local. Esse

desdém revela um sentido novo do romance histórico".

Algo semelhante a Menard faz a IA. Gera textos novos com base em padrões de um vasto banco de dados, mas sem experiências ou intencionalidade. Ela elabora conteúdos que parecem novos, mas que, em essência, reorganizam o que já existe. Assim como Menard, a IA desafia a visão tradicional de autoria ao simular uma originalidade que é desprovida de "voz" pessoal. É outra coisa sempre, mesmo que pareça igual.

Ainda poderíamos pensar na "máquina de Macedônio", imaginada pelo escritor argentino Ricardo Piglia, no romance "Cidade Ausente". A IA é essa máquina narrativa capaz de ler uma montanha de arquivos, textos, imagens, e produzir narrativas. O que um ser humano levaria uma vida inteira para fazer, um ChatGPT realiza em segundos. Desse jeito, parece até otimista e positiva essa visão.

O VALOR DO AUTÊNTICO

O complemento ao conto de Borges vem de Benjamin. Ele foi o pensador dos fragmentos, do mundo que se apresenta aos pedaços para as pessoas. O filósofo alemão lia e anotava o tempo todo. Antecipou o que seria a cultura moderna em sua essência. Nos primeiros anos do nazismo, ele escreveu "A Obra de Arte na era de sua Reproduzibilidade Técnica".

A partir da leitura de Benjamin, a reprodução de um quadro famoso numa gráfica ou a gravação de uma sinfonia em disco tiram deles sua "aura" – aquela autenticidade e presença únicas de uma obra em seu contexto original. Ele escreveu em 1936: "[A aura] é uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho".

Mesmo depois das ideias benjaminianas, ainda acreditamos na "aura" de um criador de algo autêntico. Com as mudanças tecnológicas, porém, foi preciso repensar o que é ser um produtor, por exemplo, de um texto original.

O autor do século 20 se parece ao antigo trapeiro que recolhe coisas pelas ruas e monta novos objetos. Não por acaso, o cinema trouxe a concepção de montagem



Walter Benjamin foi o pensador dos fragmentos, do mundo que se apresenta aos pedaços para as pessoas

de fragmentos. Se colocamos a imagem de alguém com uma faca e, em seguida, uma vítima, temos uma narrativa de assassinato. A recombinação de elementos dispersos ganha sentido novo com a montagem cinematográfica ou uma edição digital.

No caso da Inteligência Artificial (IA), a lógica benjaminiana se amplia. O conteúdo gerado automaticamente não possui uma história ou uma experiência própria. É desprovido de contexto emocional ou intenção autoral, o que faz com que o conteúdo final pareça vazio muitas vezes.

Significa, porém, uma nova forma de ler textos e de escrever. Eis o desafio: como usar essa máquina de leitura e narrativas?

Benjamin ponderou que a perda da aura democratizava a arte, pois permitia que todos tivessem acesso à obra. Mas alertou para os riscos de a reprodução técnica se tornar um instrumento de controle e manipulação. Ele estava no momento de crescimento acelerado do cinema e do rádio na década de 1930, durante a ascensão nazista que usou fartamente as transmissões radiofônicas e os filmes documentais.

ESTETIZAÇÃO DA POLÍTICA

O risco visto por Benjamin foi a "estetização da política", um recurso usado pelos regimes autoritários dos anos 1930 para transformar a política em espetáculo e manipulação visual. Hoje, isso se traduz em entretenimento. Ele defendeu, em contrapartida a isso, a "política da arte" – ao invés de reforçar discursos, ela estimularia a reflexão crítica.

"Todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Esse ponto é a guerra. A guerra, e somente a guerra, permite dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as relações de produção existentes. Eis como o fenômeno pode ser formulado do ponto de vista político. Do ponto de vista técnico, sua formulação é a seguinte: somente a guerra permite mobilizar em sua totalidade os meios técnicos do presente, preservando as atuais relações de produção", escreveu Benjamin.

Na era da IA e do mundo conectado, isso se torna mais relevante. Produção automatizada de conteúdo pode amplificar certas narrativas e influenciar a opinião pública. Cria-se uma estética controlada que serve a interesses



O filósofo alemão Walter Benjamin lia e anotava o tempo todo

específicos. Quais guerras estão no horizonte da atual estetização para fins políticos nas redes sociais? Deep fakes, memes engraçados e algoritmos das plataformas digitais apresentam os riscos.

Assim, pensando com Benjamin, a IA oferece tanto a possibilidade de democratizar o acesso à informação, como o risco de padronizá-la e controlá-

la, ao reforçar a ausência de reflexão crítica. Pode até ser que a palavra "crítica" desapareça do vocabulário. Ainda assim será fundamental pensar nas consequências das transformações trazidas pela internet na década de 1990, das redes sociais em 2005, dos smartphones em 2010 e do ChatGPT recentemente.

CRUIR COM A IA

As ideias de Borges e Benjamin ajudam a perceber que a IA geradora de conteúdo vai muito além da mera inovação tecnológica. Esse é o ensinamento que Benjamin deixou para as futuras gerações, pois ele mesmo não quis ver o que seria o resultado da aventura nazista e da guerra que se desenhava na Europa.

Hoje, a IA transforma os fundamentos da produção cultural e coloca questões que envolvem originalidade, autenticidade e, especialmente, impacto político da criação.

A IA desafia o mundo sobre qual será o papel da criação de forma ampla: ferramenta para cultura crítica e plural ou instrumento de controle e reforço de discursos. O que significa criar numa era em que a linha entre originalidade e repetição, entre autenticidade e manipulação, se torna cada vez mais tênue?

Esse texto partiu de um "prompt" no ChatGPT. Pedi a ele (já quase uma pessoa) que aproximasse o modelo de IA com o conto de Borges e o ensaio de Benjamin. A escolha dos termos foi minha. Mas foi preciso um ajuste. O ChatGPT sofre do "mal do gerúndio" e de termos como "afinal". Há ainda dificuldade de encontrar trechos adequados para citações – a IA é incapaz de conectar a "máquina de Macedônio" nessa discussão.

Tudo exige o olhar de um editor de carne e osso.



Jorge Luis Borges entre árvores em Buenos Aires



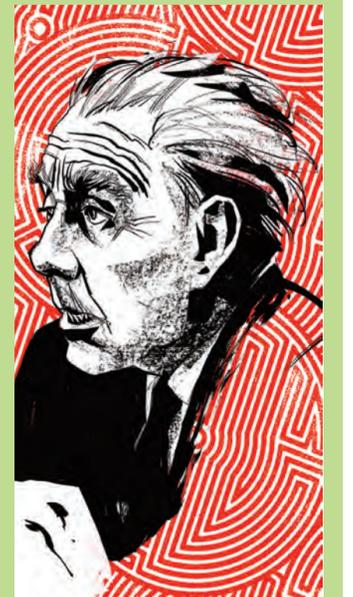
Jorge Luis Borges afirmava, nas suas entrevistas, que já só relia

BORGES SÓ RELIA

Começo a compreender o que Jorge Luis Borges queria dizer, quando afirmava, nas suas entrevistas, que já só relia. Na minha sofreguidão de adolescente, todo o tempo de que dispunha era para ler, autores que desconhecia, poetas, ficcionistas, ensaístas. Não compreendia verdadeiramente o que significava esse acto de releitura, de regresso aos clássicos, confundindo-os naquele onirismo que marcava o seu universo literário.

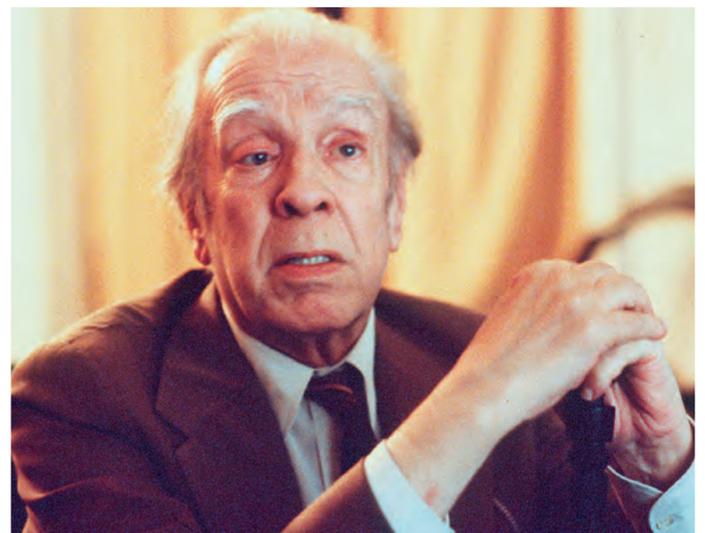
Constato hoje que Borges está "fora de moda". Recuperam-se autores malditos (a quem não retiro qualquer prestígio), mas os clássicos, os grandes cultores da língua e da literatura mundial parecem demasiado sérios. Talvez não sejam suficientemente bêbados ou drogados, nem sequer escandalosos e polémicos, por forma a suscitar uma tendência natural para a coscuvilhice dos actuais escritores, fascinados pelas redes sociais e pela efemeridade dos acontecimentos.

Uma das razões que me leva a amar tanto Jorge Luis Borges, entre muitos outros, é a sua densidade metafísica e o facto de a sua escrita permanecer nesse limbo onírico entre o sonho e o real, avessa a rótulos. Era o mais europeu dos escritores argentinos e, mesmo, sul-americanos, pois a sua infância, passada na Europa, permitindo-lhe o acesso à cultura e à literatura europeia, vincou-lhe



Borges pelo traço de um artista popular portenho

a escrita, conferindo-lhe um pendor classicista, que mais nenhum autor sul-americano possui.



A escrita de Borges permanece no limbo onírico entre o sonho e o real, avessa a rótulos



Fotos/ Divulgação

Presidente da ABIH/MA, Armando Ferreira participou do Festuris, em Gramado, onde fez um trabalho de prospecção, que tem como principal objetivo diminuir a sazonalidade n

Poemas universais

A poesia é como pintura que se move, música que pensa. Suavidade e vigor, excesso delicado, odoroso, fonte viva, luz, fogo! Em menos palavras diz mais que o texto. Procurando o belo, os poetas dizem mais verdade que os falsos donos das verdades.

Cito alguns poemas, grandes entre os grandes: – Romancero Gitano – Garcia Lorca – As imagens surreais do grande espanhol dançam a nossa frente em sonhos e imaginação ao ritmo ardoroso do flamenco.

– Terra devastada – T. S. Eliot – Unanidades acadêmica, o inglês nascido nos EEUU mostra a desagregação da cultura dita civilizada.

– Tabacaria – Fernando Pessoa – O poeta português que tanto influenciou o intimismo autocomplacente tupiniquim dá uma aula de melancolia.

– Jardins Invisíveis – Lezama Lima – Cubano autor de Paradiso, domina um estilo sem fim, próximo do surrealismo e do fantástico.

– Vivo – de Allen Ginsberg – O gênio da poesia beatnik mostra a verdadeira face da América,

numa linguagem pessoal, torrencial.

– Altazor – Vicente Huidobro – O longo poema do chileno é uma das grandes experiências linguísticas do mundo moderno.

– Velejando por Bizâncio – W. B. Yeats – Neste poema, o Prêmio Nobel irlandês confronta arte e morte em espaços míticos.

– Cemitério Marinho – Paul Valéry – Mais do que poeta, o francês era um brilhante ensaísta, um poeta não poeta, sempre instigante.

– Jubileu – Maiakovski – O revolucionário russo nascido na Geórgia que conseguiu conciliar alta poesia com arte engajada.

– Hai Kais – Bashô – Mestre da poesia da natureza em três linhas de tese, antítese e síntese onde resume saber e vida universal.

– Hai Kais – Issa e Bushon – Discípulos de Bashô quase alcançam o brilho do mestre, porém mais ousados e até insolentes.

– Trilce – César Vallejo – O peruano foi simbolista na juventude, mas logo adentrou pelos amplos corredores sociais do latino-americaníssimo.

– O Guesa Errante –

Sousandrade – O único poema brasileiro realmente universal, atravessando o Continente, da Patagônia ao Alaska.

– Poema dos Dons – Jorge Luis Borges – O argentino conhecido por contos e ensaios tem uma poesia refinadíssima, sutil, instigante, brilhante.

– Pedra do Sol – de Octávio Paz – A inteligência, a cultura, a História são os temas do mestre mexicano.

– Os Peixes – Marianne Moore – Americana que trabalhou com uma destruturação delicada, inteligente, dos versos e até da sintaxe.

– Céu Vazio – Wyslawa Szymborski – Escritora polonesa que foi prêmio Nobel e seu comovente poema Miniatura Medieval.

– Acalanto – Elizabeth Bishop – Americana que se apaixonou pelo Brasil foi muito influenciada pela cultura e poesia mineiras.

– Aviso aos Navegantes – de Jamil Almansur Haddad – Poema longo, brasileiro e revolucionário do grande tradutor das Mil e Uma Noites, muito elogiado no mundo todo. Escrito em forma de Suratás.

da obra. Na Feira do Livro de São Luís isto é pior, quase não se vê poesia.

Nós sabemos ou conhecemos o poder da poesia na história da humanidade. Há algum tempo li em O Globo, do Rio, um longo artigo do poeta Luiz de Miranda, no qual ele constatava que o

Brasil não tinha 3 mil livrarias e só Buenos Aires, onde morou, tinha mais livrarias que o Brasil. O assunto mudou, cresceram as casas que dão amparo aos livros, mas a poesia fica num cantinho das livrarias.

Quem viu um livro de poemas em destaque na Praça Maria Aragão?

Feira do Livro e Poesia...2

Na Feira do Livro de São Luís – como em quase todas as feiras do gênero realizadas no Brasil –, a poesia seguiu no esquecimento, mas é bom lembrarmos que a história literária da humanidade é carregada pelos ombros de seus poetas.

Epopeia de Gilgamesh, de origem babilônica, um dos primeiros e principais poemas nacionais, relata as aventuras do lendário rei da Suméria. Depois um bardo jônico, Homero, um cego de feira, escreve a história da

Guerra de Tróia em duas volumosas epopeias populares: Ilíada e Odisseia. E houve um caolho português, chamado Luiz Vaz de Camões, que tentou vencer na vida pela força da espada, mas foi com a força de seu verso, Os Lusíadas, que fez um pequeno país entrar no mapa da Europa. Morreu na miséria e foi enterrado em cova rasa.

Antes um homem simples sem títulos foi expulso de sua cidade como traidor da pátria, mas marcou com sua poesia, foi

ao Inferno, ao Purgatório, depois assomou ao Paraíso, é Dante Alighieri e fez o Renascimento e fundou um país, a Itália.

Outros, depois de 2 mil anos de diásporas, Israel ganhou espaço no mundo. E não foi pelo poder de seus generais ou por judeus ricos, mas, sim, pela força dos versos de seu povo: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, Nahum e Habacuc, ao cantor dos Salmos e de todos os cantores que saíram do pó da História para fundar uma pátria.

Feira do Livro e Poesia...3

É bom lembrar Aristóteles com sua Poética. Ovídio, mesmo expulso de Roma construiu a fortaleza da pátria. Lembrar François Villon é necessário, e o que dizer de William Shakespeare, a grande glória da língua inglesa, que depois me deram ao coração Walt Whitman, junto com Pablo

Neruda, García Lorca e Drummond de Andrade. Lembrar Ezra Pound é dever de ofício. Agora de alma espanhola, vem Rubén Darío, o inventor da modernidade. Gabriela Mistral, madrinha de Neruda, José Martí, Nicolás Guillén, filho de Xangô e Oxum, Cesar Vallejo, Mario

Benedetti.

A poesia é a grande lucidez da vida, não fechem tanto as portas para ela.

Talvez por isso, o magistral poeta Luis Augusto Cassas, hoje radicado em São Paulo, não tomou conhecimento do evento nesta Capital. Nem eu.

Poema da buganvília

Algum dia o poema será a buganvília pendente deste muro da Calçada da Rua Grande.

Produz uma semente que faz esquecer os jornais, o emprego e a família, e além disso tudo atapeta o passeio alegrando

quem passa.

Mas antes desse dia há-de secar a buganvília e o varredor há-de levar as flores secas para o monturo.

Depois cairá o muro. E como o tempo passa mesmo contra a vontade, também há-de acabar a

Calçada da Rua Grande e o resto da cidade.

Então, quando nada restar, nem o pó de um sorriso que é o mais leve de tudo que se pode supor, será esse o momento de o poema ser flor, mas já não é preciso.

PARIS SE REINVENTA

e limita acesso de carros à sua região central buscando diminuir a poluição na cidade

Há algo de mágico em virar a esquina na saída da estação de metrô Concorde e dar de cara com a Torre Eiffel, reinando absoluta sobre Paris. Não é o melhor ângulo do monumento e, certamente, não será a melhor vista da sua viagem. Mas ali, entre um suspiro sonoro e outro, com o coração batendo mais forte, você talvez comece a entender que, sim, você realmente está na Cidade Luz e, sim, ela é tão especial quanto você sempre imaginou.

Paris encanta com suas ruas charmosas; arrebatada com museus que guardam algumas das peças mais impressionantes da história da arte; envolve com a criatividade de sua moda, a elegância de sua gastronomia, sua deslumbrante arquitetura; conquista a cada vez que o Rio Sena surge inesperadamente à vista, entre um passeio e outro.

Agora, quem estiver com passagem comprada para a mágica cidade, deve ter uma caminhada muito mais tranquila pela cidade. Isso porque, desde o dia 4 de novembro, veículos individuais como carros e motos estão banidos do centro da capital francesa, que passará a priorizar o transporte público, os ciclistas e, principalmente, os pedestres.

A decisão, tomada pela prefeitura local, visa diminuir a poluição sonora e do ar nos bairros centrais da cidade: especificamente, no 1º, 2º, 3º e 4º Arrondissement.

Trata-se de uma área de aproximadamente 5,5 quilômetros quadrados, dentro da qual estão algumas das principais atrações da cidade, como o Museu do Louvre, o Jardim das Tulherias e o Musée de l'Orangerie.

A região agora se enquadra como uma ZTL (zona de tráfego

limitado) e só poderá ser acessada por veículos de emergência (como ambulâncias), ônibus e táxis, além de carros de pessoas com mobilidade limitada, de moradores e de trabalhadores da região.

A prefeitura abriu uma exceção também para veículos cujo destino final esteja dentro dos quatro primeiros arrondissements, como por exemplo, quem estiver indo a um restaurante ou evento por lá. Nesses casos, porém, será necessário apresentar a reserva no local ou o bilhete de entrada do evento para não sofrerem com a restrição. As regras serão, inicialmente, fiscalizadas por um sistema de câmeras espalhadas pelo centro da cidade e seu descumprimento acarretará multas ao motorista.

Com a mudança, a cidade de Paris espera reduzir o tráfego de veículos em até 30% dentro do perímetro estabelecido. Tal redução deve melhorar a qualidade do ar e reduzir a poluição sonora no centro da cidade, melhorando o ambiente para os que caminham e pedalam por lá.

É importante lembrar que, de acordo com uma pesquisa recente do Instituto Paris Região (IPR) – um consórcio de empresas públicas e privadas da região da capital francesa – os motoristas são minoria em Paris: apenas 4,3% dos que se deslocam pela cidade. A maioria dos parisienses se desloca a pé (53,3%) ou opta pelo vasto sistema de transporte público da cidade (30%). O carro é preferido ainda pela bicicleta, escolha de 11,2% dos locais.

Paris seguirá outros grandes centros europeus como Roma, Milão e Madri, que adotaram normas semelhantes em seus centros históricos e comerciais.



Fotos/ Divulgação

Presidente Atual

Só criando um troféu para as asneiras mais espetaculares do cotidiano maranhense, brasileiro e mundial.

E poderíamos nos inspirar em quatro asneiras espetaculares que freqüentemente são iguais ou superadas no noticiário.

A primeira asneira foi aquela de um jornal do Ceará, que depois de fazer a cobertura de um congresso de pneumologistas em Fortaleza, publicou a seguinte manchete: "Todo fumante irá morrer de câncer, a menos que outra doença o mate antes".

A segunda asneira foi conhecida numa prova de História do Brasil, escrita por um aluno em São Paulo: "O pai de dom Pedro II foi dom Pedro I. E o pai de Dom Pedro I, portanto, foi dom Pedro Zero".

A terceira asneira foi escrita há muitos anos por um famoso colonista maranhense, no início de sua carreira: "Todos os rios correm para o mar, salvo melhor juízo".

A quarta asneira é de um prefeito do interior de São Paulo que, a cada vez que um presidente da República assumia o cargo, ele mudava o nome da praça central da cidade.

Quando Getúlio Vargas se suicidou, a praça que levava seu nome ficou assim chamada: Praça Presidente Café Filho. Quando Jânio Quadros renunciou, o prefeito tirou o nome dele da praça e colocou o nome do novo presidente, João Goulart. Já Jango foi deposto e o prefeito não teve dúvida, para puxar o saco do presidente que assumiu, lascou assim o nome da praça: Presidente Castello Branco.

Além disso, o vereador fez um discurso numa solenidade em que o prefeito estava presente e sugeriu-lhe uma providência que evitaria dali por diante o transtorno de tantas mudanças de nome na praça central, problema inclusive com o endereço para os Correios.

O prefeito agradeceu ao vereador, aceitando sua sugestão. E até hoje a praça central da cidade tem o seguinte nome: Praça Presidente Atual.

Lição

Antigamente, evitava dividir meus livros com outras pessoas. Até que um dia um amigo perguntou-me se eu não gostaria de passar toda a minha vida numa prisão. É claro que respondi que não.

– "Então – disse-me ele – liberta os teus livros da 'prisão' da tua estante. Dá a eles a liberdade de encontrar novas pessoas e partilhar o prazer que te deram. Deixa os livros dos teus encantamentos e leva outros que te podem dar outros prazeres. Faz dois em um. Deixa um livro, leva outro e também um novo amigo!"

Aprenda a lição.

Modernidade

Tome cuidado. As mulheres de São Luís já sabem como pegar o seu homem infiel sem precisar pagar detetives ou segui-los em jornadas arriscadas.

Um amigo acaba de cair em casa da seguinte forma: sua noiva, com quem iria se casar em breve, começou a mandar-lhe e-mail se passando por outra mulher, modelo, bonita, jovem e disposta, que gostaria de conhecê-lo pessoalmente. O tanso começou a responder.

Até que marcaram encontro num motel fora da cidade. Quando o cara voltou pra casa, encontrou, na porta, um cartão da noiva e um buquê de flores, dando-lhe as despedidas.

E assumindo a identidade do modelo com quem seu futuro marido passou a trocar calientes e-mails. A outra era ela, a dele.

Frutas tropicais

Este ano, a produção de frutas nativas do Maranhão foi escassa.

Excetuando-se o abacaxi de Turiaçu, cuja safra foi sobremoda abundante, as frutas típicas e de época, como juçara, caju e manga, foram vistas em pequenas quantidades na cidade.

Há quem diga ser o fator climático o causador do desaparecimento dessas frutas sazonais e comuns nos últimos meses do ano.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



O fundador da rede Gerando Falcões, Edu Lyra, apresentou detalhes de como pretende revitalizar uma favela na área Itaqui-Bacanga, em São Luís

IMPACTO TRANSFORMADOR DO PROJETO FAVELA 3D

Cidinho e Lou Marques com o filho Rodrigo promoveram uma noite inspiradora ao lado do fundador da rede Gerando Falcões, Edu Lyra, para discutir o impacto transformador do projeto Favela 3D em São Luís.

A família reuniu pessoas influentes da sociedade para um jantar em seu apartamento na Península da Ponta d'Areia, antecedido de uma explanação realizada por Edu Lyra, que apresentou detalhes da revitalização da favela da Vila Itália, em São José do Rio Preto, no estado de São Paulo, que poderá servir de modelo para um projeto que pretende implantar em São Luís com o apoio dos governos do Estado e de São Luís, empresários e outras figuras influentes desta Capital.

Graças a uma ação inovadora em Rio Preto foram extintos barracos e dado vida digna aos moradores. De acordo com o projeto para São Luís, os que vivem de forma precária numa comunidade na área do Itaqui-Bacanga terão a vida transformada.

No Brasil são quase 15 milhões de favelados e a rede Gerando Falcões

busca conseguir apoio e ajuda da maneira que for possível para se expandir para o Brasil todo.

O fundador da rede Gerando Falcões, Edu Lyra, também aproveitou para apresentar detalhes da revitalização da favela da Vila Itália, em São José do Rio Preto (SP), onde 240 famílias que representam algo em torno de 634 moradores listados vivem com uma medida de R\$ 1.007 por mês.

O projeto "Favela Três D - Digital, Digna e Desenvolvida" é uma parceria entre a iniciativa privada, poder público e terceiro setor. Desde o ano passado, consultores e especialistas de várias partes do Brasil estudam a melhor maneira de mudar a realidade dos moradores da favela. A ideia é fazer um modelo a ser replicado em várias outras favelas espalhadas pelo país.

O prefeito Eduardo Braide sinalizou que a Prefeitura poderá cuidar do processo de regularização do terreno, além da infraestrutura, como asfalto, energia e saneamento básico. O governador Carlos Brandão se mostrou

simpático à iniciativa e o estado poderá entrar com aporte financeiro para ajudar a subsidiar a construção de moradias, que serão financiadas com taxas mais baixas para os moradores.

O projeto também prevê às famílias o acesso a emprego, renda, educação e acompanhamento social. "O que está nascendo em São José do Rio Preto é um farol de esperança para 14 milhões de brasileiros que vivem em favelas. Estamos criando uma solução que vai ser uma alternativa de combate à pobreza e interrupção do ciclo de desigualdade social", disse Edu Lyra.

A união do poder público, as organizações sociais e a classe empresarial são o caminho correto para resolver os problemas existentes, disse o Prof. Cidinho Marques na apresentação do projeto para São Luís.

Edu Lyra enfatizou que é o empresariado que vai juntar forças para fazer com que o projeto aconteça de forma eficaz e competente, para resolver o problema de desigualdade social na primeira favela de São Luís que irá sofrer a transformação.



A influenciadora Thaynara OG com Edu Lyra



O Repórter PH brindando com Osmir Sampaio



Jacira e Joaquim Haickel



Max de Medeiros e Manuella Fernandes



Lou Marques e Rodrigo Marques fazem moldura para Vanessa e Luís Gustavo (Guti) Oliveira (Vice Presidente do Grupo Fribal)



André Mendonça (Presidente da Oomed) com Luiz Guilherme Almeida



José Sobral Neto e Joaquim Haickel



Thaynara OG, Lou Marques, Marly Abdalla Lima e Val Paulino



Paulo Nagem e Fernanda Lisboa

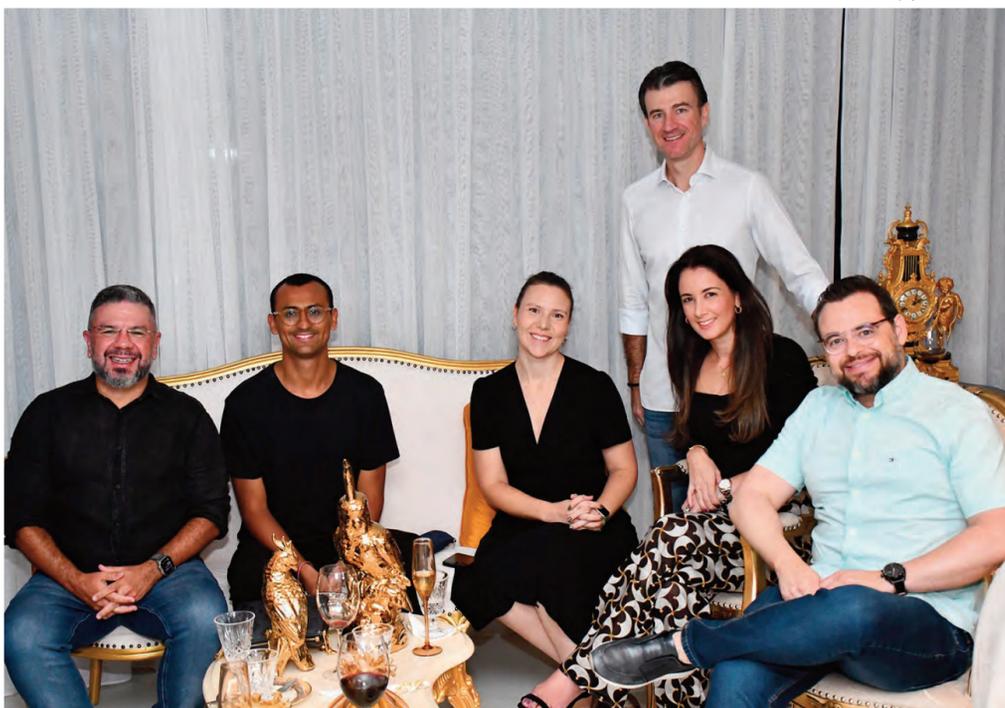


Rodrigo Marques com dois diretores do Gerando Falcões



Grça Murad Sampaio, Ana Maria (Edeconsil), Lou Marques, Kézia Marques (Equatorial) e Nina Rentels (Gerando Falcões)

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Rodrigo Marques e Edu Lyra com Nina Rentels (Diretora do Gerando Falcões), Luís Gustavo (Guti) Oliveira (Vice Presidente do Grupo Fribal), Vanessa Oliveira (esposa do Gutí) e André Mendonça (Presidente da Oomed)



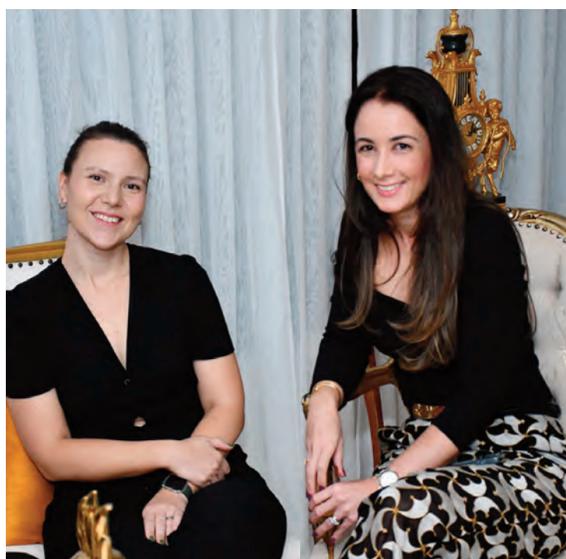
Edu Lyra mostrando o símbolo criado para a Gerando Falcões



José Sobral Neto (Grand Cru e Mamma), Joaquim Haickel (Blue Tree São Luís), André Mendonça (Presidente da Oomed) e Gustavo Almeida (Grupo DOM)



Lou Marques entre Graça e Osmir Sampaio



Nina Rentels e Vanessa Oliveira



Rodrigo Marques e sua mãe Lou Marques



Maria Fernanda Sarney Santos, Thaynara OG, Marly Abdalla Lima e Val Paulino



Kézia Marques (Diretora de Responsabilidade Social da Equatorial Energia)



Fernanda Lisboa (proprietária do Chocolates Tapuio) e Jacira Haickel (diretora do Blue Tree Towers São Luís)

Fotos/Divulgação



O grupo de mulheres reunido no Grand Cru para festejar Flávia Araújo Ferraz

DE BEM COM A VIDA

É sempre de bem com a vida e, vez por outra, se reúne para festejar a nova idade de cada uma das participantes.

As últimas

homenageadas foram Rose Medeiros, que mudou de idade no dia 24 de junho, Flávia Araújo Ferraz, que festejou aniversário no dia 21 de agosto, e Cida Valadão que aniversariou

no dia 29 de setembro. As comemorações são feitas, geralmente, só com mulheres que gostam de badalação e, por isso, o grupo é chamado de "As baladeiras".



Cida Valadão ganhou homenagem no Mamma Restaurante



O grupo voltou ao Grand Cru para homenagear Rose Medeiros



As anfitriãs da UNDB Dra. Elizabeth Rodrigues e Dra. Ceres Murad entre os palestrantes convidados e parceiros do Hospital Israelita Albert Einstein e o urologista maranhense Dr. José Calixto



O cirurgião Dr. Lajes Neto; o neurologista Dr. Osmir Sampaio e o oftalmologista Dr. Fábio Lúcio

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

UNDB e Hospital Albert Einstein receberam médicos maranhenses para debater a cirurgia robótica

Em uma noite de aprendizado e celebração alusiva ao Dia do Médico, o Centro Universitário UNDB, em parceria com o renomado Hospital Israelita Albert Einstein do qual é parceiro institucional, reuniu a comunidade médica maranhense e acadêmicos do Curso de Medicina para discutir os rumos da profissão à luz da tecnologia.

Os médicos e futuros médicos foram presenteados com o que há de mais importante: Conhecimento de ponta. No evento "Inteligência Artificial na Medicina", que foi realizado em uma sala do cinema Kinoplex Golden, profissionais do Hospital Albert Einstein proferiram palestras sobre o tema, com ênfase na Cirurgia Robótica, seus benefícios, melhores práticas e demonstrações de cirurgias já realizadas.

A abertura ficou por conta da Reitora da UNDB, Profa. Dra. Ceres Murad, que destacou a importância

da parceria com o Einstein para a formação dos alunos do seu Curso de Medicina, e agora estendendo essa parceria para a classe médica local: "Agradeço a presença dos parceiros do Einstein e dos médicos maranhenses, os quais homenageamos com esse evento. Aos Mestres da medicina maranhense também agradecemos por receberem as novas gerações de médicos, aprendendo com ela e também ensinando toda a sua experiência", destacou a Profa. Dra. Ceres Murad.

A Reitora da UNDB ressaltou a importância da IA para todas as áreas de conhecimento, incluindo a Cirurgia Robótica. E convidou para mediar os debates o cirurgião e urologista maranhense Dr. José Calixto, pioneiro na cirurgia robótica em São Luís: "Ele realizou a cirurgia robótica número 1 do nosso Estado. E mais, esse brilhante médico entrou com cinco anos de idade como aluno do jardim de

infância Colégio Dom Bosco" destacou a Reitora.

Os especialistas do Hospital Albert Einstein trouxeram uma visão de inovação, pioneirismo e prática em cirurgia robótica e uso da IA na Medicina, compartilhando muitos casos de sucesso, com os seguintes temas: Inovação e Novas Tecnologias, apresentado pela Analista Sênior de TI Clarice Dallaqua de Paula. Ela mostrou como é o ecossistema de inovação em saúde e o uso de tecnologias de ponta no Hospital Albert Einstein. Em seguida, a Coordenadora de Enfermagem Luciana Machado Lenza mostrou o histórico de sucesso do Einstein na Introdução à Cirurgia Robótica, do qual foi precursor no Brasil, no ano de 2008, com a realização da primeira cirurgia robótica no país, com a extirpação da próstata de um paciente de 70 anos. Atualmente, o Hospital Albert Einstein é o único centro de excelência e referência

máxima em cirurgia robótica na América Latina; possuindo três robôs, sendo um deles o Da Vinci Xi, o mais moderno.

O Gerente Médico da Rede Cirúrgica do Einstein, Dr. Bruno Muller falou sobre Boas Práticas, Evidências e Perspectivas Futuras em Cirurgia Robótica. O evento foi encerrado com demonstrações em vídeo de cirurgias robóticas desenvolvidas pelas equipes do Hospital Albert Einstein, apresentadas pelo médico cirurgião, Dr. Henrique Joaquim, Coordenador da Pós Graduação Internacional em Cirurgia Robótica do Aparelho Digestivo.

Em um mundo de constantes transformações disruptivas, a UNDB reafirma sua missão de educar para a mudança, preparando profissionais aptos a moldar o futuro com conhecimento, ética e inovação em todas as áreas, a exemplo da Medicina.



Professores do Curso de Medicina da UNDB Dra. Jacira Serra e Dr. Cícero Newton; a Dir. Acadêmica Graciana Cordeiro e o Coord. do Curso de Medicina da UNDB Dr. Ivan Figueiredo.



A Dir. Acadêmica da UNDB Graciana Cordeiro; o Dir. de Mercado Fábio Carvalho e Rebeca Murad, Diretora Geral de Gestão



A Reitora Dra. Ceres Murad com os alunos da UNDB André Gaspar, Gabriel Mota, Luiz Eduardo Gama e Lucas Veríssimo



Os cirurgiões e experts em cirurgias robóticas do Hospital Albert Einstein Dr. Henrique Joaquim e Dr. Bruno Muller com o pioneiro da cirurgia robótica no Maranhão, o urologista Dr. José Calixto e o Dr. Roclides Lima, cirurgião e Coordenador do Programa de Cirurgia Robótica do Hospital São Domingos - DASA



A Pres. do Conselho Administrativo do Grupo Dom Bosco Dra. Elizabeth Rodrigues entre Clarisse Dallaqua de Paula e Luciana Machado Lenza, do time do Hospital Israelita Albert Einstein, que palestraram no evento a convite da UNDB.



Roosevelt e Ceres Murad, o urologista Dr. José Calixto, Elizabeth Rodrigues e Rebeca Murad



O médico radiologista Dr. Márcio Pinto Júnior



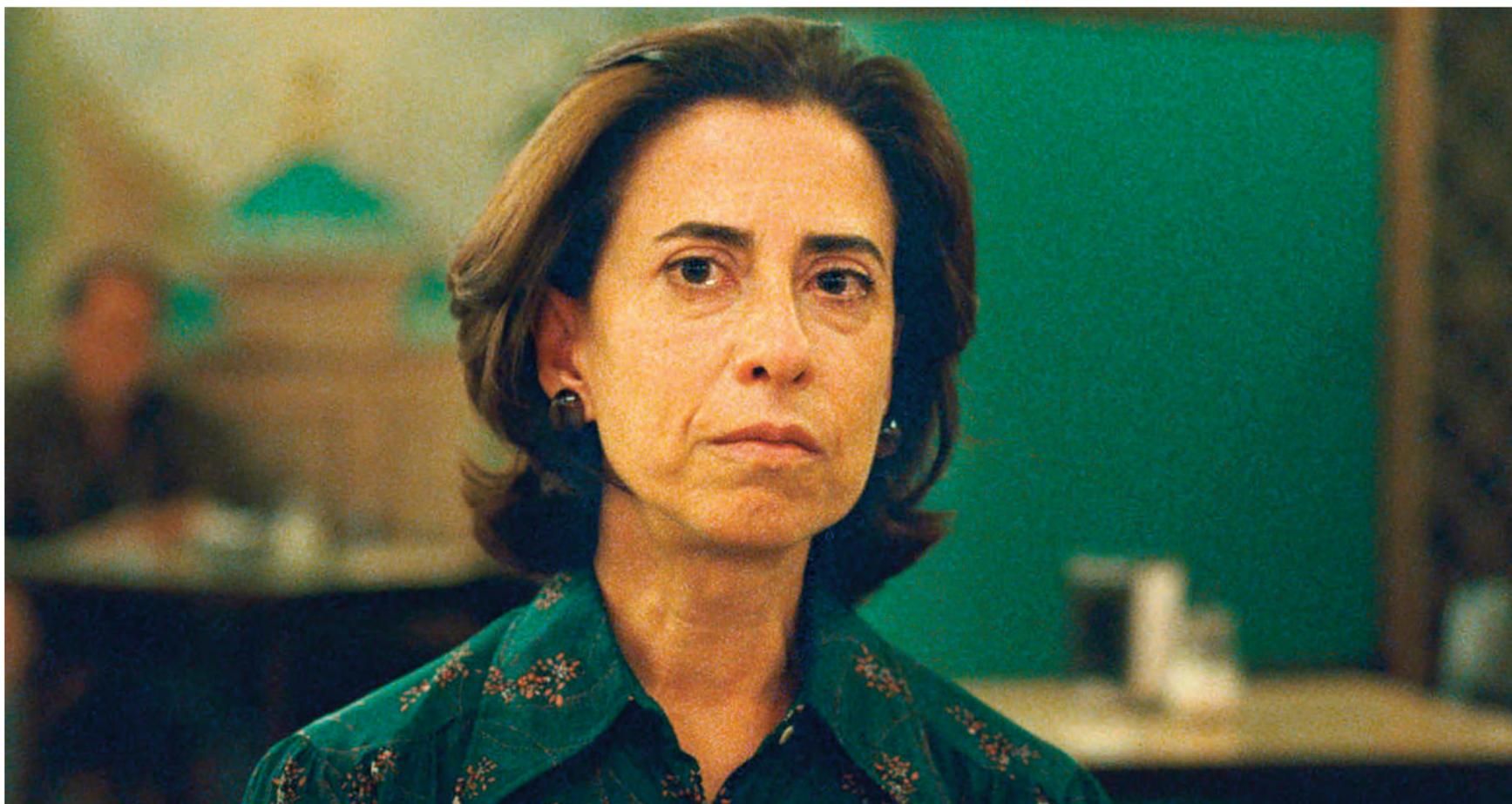
A Dir. do Colégio Dom Bosco Raissa Murad e Rodrigo Lauande



A Reitora Dra. Ceres Murad e a Diretora Geral de Gestão Rebeca Murad entre acadêmicos de medicina da UNDB



O neurologista Osmir Sampaio entre os renomados cirurgiões Dr. Lages Neto e Dr. José Aparecido Valadão



Na pele de Maria Lucrecia Eunice Facciolla Paiva em Ainda Estou Aqui, Fernanda Torres está cotada para o Oscar de Melhor Atriz

AINDA ESTOU AQUI E O SILÊNCIO DE FERNANDA MONTENEGRO

Desde os tempos amargos da Covid-19, que me deixaram marcas profundas pela perda de velhos amigos, tornei-me uma presença rara nas salas de cinema. Antes, por medo da pandemia, depois, pelo hiato causado pelo hábito adquirido de ver filmes pela TV, embora nada se possa comparar com a tela grande.

Na última terça-feira, levado por um grupo de amigos, fui ao cinema ver Ainda Estou Aqui, numa sala do Golden Shopping. E saí da sessão simplesmente impactado. Há muito tempo uma película não provocava em mim uma reação tão forte. Toda aquela atmosfera pesada da minha primeira juventude parece ter sido captada pela lente cirúrgica e precisa de Walter Salles, que conseguiu me colocar frente a frente com um passado amargo e repleto de medos dos meus tempos de estudante.

Diante dos meus olhos, duas Fernanda – a Torres e a Montenegro, filha e mãe – a merecer todas as nossas homenagens, com o premiado Walter Salles seguindo o seu coração.

Estou nos meus 76 anos. Tinha a idade de 22 anos em 1970 quando já escrevia uma coluna em jornal e entendia que algo estava acontecendo no Brasil. E enquanto eu descobria a Copa do Mundo de Futebol e torcia pela Seleção Brasileira de Pelé e companhia, às vezes lamentava pelos meus professores que sumiram da escola sem despedida. Hoje, já no fim do ano de 2024, estou aqui, torcendo pelo Brasil.

Ainda Estou Aqui é um filme que existe, antes de tudo, para nós. Ficamos tão eufóricos com o mundo apreciando a nossa arte que isso acaba ofuscando a real vitória de termos filmes e artistas brasileiros que resistem em elevar a qualidade do cinema nacional, mesmo sabendo dos desafios que o próprio Brasil apresenta e, principalmente, o que essa arte reflete na nossa história, cultura e sociedade.

Esse tem sido um ano incrível para o nosso cinema, não só por Ainda Estou Aqui, e eu torço pra que cada vez mais nós, como nação, possamos completamente entender e valorizar o nosso potencial e excelência artística para além dos momentos em que ultrapassamos fronteiras.

A última frase do filme me impactou profundamente: “Existe, antes de tudo, para nós”. Como chegamos ao ponto em que é necessário lembrar, vez após vez, os horrores da ditadura para sensibilizar minimamente as pessoas? É triste perceber que, quase trinta anos atrás, o próprio diretor do filme tentava unificar o país por meio da empatia e da ética, e hoje parecemos cada vez mais distantes desse ideal. Realmente, tempos sombrios.

Ressalte-se que se faz presente no filme inteiro elementos que captam a memória da família, as fotos, os filmes feitos em película. A própria foto do poster é uma das fotos que eles se perguntam no final do filme “que dia foi isso” e quando a gente olha a história no exato momento que aquele frame foi tirado a gente percebe que ela olha pra um tanque militar na rua.

Ou seja, o filme fala de memória e como o Brasil tentou apagar a memória dessas pessoas na época. No final a gente tem então uma Eunice com Alzheimer, mas com a memória dela guardada pela família. Quando ela vê o marido o subconsciente lembra dele, com força, lembrando que essas pessoas não vão ser esquecidas mesmo que a memória delas tenha sumido!

Gostei imensamente do filme e, principalmente, de como ficou na minha memória. Infelizmente, uma série de obras artísticas que reconhecemos como boas não nos marcam no pós, mas, ainda bem, não foi esse o caso de Ainda Estou Aqui: continuo lembrando de algumas passagens e de elementos audiovisuais envolvendo a apresentação da família Paiva, por exemplo, em comparação com o que ocorre depois (A agitação versus silêncio, em suma), lembrando do jeito como a câmera faz da gente testemunha e permite a observação – inclusive das características de personagens por meio do figurino (Eunice comparada à filha Vera, por exemplo) –, ou de situações que são como sinais e presságios (Eunice no mar e um som de helicóptero, logo na abertura do filme).

Destaque para o elenco na fase dos anos 1970 super afinado... Deve ter sido o mais integrado ao projeto, eu acho, mas não que o posterior esteja ruim (Longe disso!). A parte mais jovem do grupo inicial e também os mais velhos transmitindo muito sentimento e empatia. Fernanda Torres, quando esta passa a ser centro na narrativa: precisa e excelente; Selton Mello corretíssimo numa atuação em memória de alguém citado e lembrado como bom pai e amigo.

Como dispensar a ponte final entre as décadas? Iríamos nos perguntar como Eunice findou os dias, e não seria justo apenas frases nos créditos finais. Que momento emocionante a “transfiguração” das Eunice, a interpretação assombrosa da Fernanda Montenegro, apenas um esgar como sorriso, vindo do limbo que a doença impõe, na fotografia final de toda a família reunida. É exatamente ali que nosso afeto é entregue, de joelhos, aos Paiva.

Eu amei o filme e a riqueza de detalhes dos anos 70: os automóveis, as vestimentas, os objetos. Eles pensaram até nos talheres e pratos! Coisas tão simples como lâmpadas, tomadas e disjuntores foram cuidadosamente recriadas.

O mais interessante é que, na passagem de tempo dos anos 70 para os anos 90, é possível ver como esses detalhes evoluíram junto com o filme. Os carros se tornam veículos dos anos 90, e os objetos acompanham essa mudança...

Adorei o final com a silenciosa Fernanda Montenegro. Adorei porque não achei que era sobre reafirmar que eles ainda estavam ali, e sim sobre mostrar a ausência como personagem, incrustada, sentida até o final.

A ausência se faz ali no silêncio e na espera, mas também no sorrir, no brincar, viver... uma ausência que já não se pode roubar, que me lembrou muito os versos de Drummond: “Por muito tempo achei que a ausência é falta. E lastimava, ignorante, a falta. Hoje não a lastimo. Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim. E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim”.

Que resenha! Reconfortante tal como um abraço. É a história, a relevância dela, a profundidade emocional e social dos fatos, bem como das interpretações que valem. Que bom, termos a arte, nesse nível, para lembrarmos o que não deve, sequer por um instante, ser esquecido ou amenizado.

Não sei ainda se o filme torna mais palatáveis ou indigestos os acontecimentos, mas torna, com certeza, mais presentes, diante dos olhos e

ouvidos. No mais, assim como “Argentina, 1985” esteve no Oscar e não venceu em 2023, teremos a nossa passagem ou não, sem tirar o verdadeiro brilho: a densidade da arte brasileira. Assim como a Argentina continua tendo Dario, teremos Fernanda, Nanda, Selton e Walter sempre

O filme emociona do começo ao fim. Impossível não entrar nos sentimentos de Eunice, esplendidamente interpretada por Fernanda Torres. Acho que para os mais velhos (+ de 60 – meu caso, confesso) o filme mexe com memórias e sentimentos ainda não esquecidos.

O filme mostra de uma forma tão poética a crueldade que estava acontecendo, a gente consegue sentir a angústia e os medos deles sem precisar ser dita uma palavra, simplesmente a cena que a Eunice entra no banheiro depois de ser solta, após 12 dias de prisão, e fica se encarando no espelho sem se reconhecer e sem sequer chorar é extremamente impactante, ela começa a banhar e esfregar o corpo tão forte como se quisesse se livrar de tudo aquilo.

Ainda estou aqui se tornará uma marca, ou melhor, um marco na cultura brasileira, é um filme que eu espero que sempre esteja por aqui.

Sinceramente confesso: quando sai do cinema na noite de ontem depois de aplaudir essa magnífica película, fiquei sem saber o que havia sido mais magnífico... se a atuação dos atores ou o resgate de fatos que a sociedade brasileira quer varrer para debaixo do tapete e se nega a jogar luz e discutir erros que nos envergonham como povo e como nação.

A atuação, no final, de Fernanda Montenegro foi espetacular, a joia que completou uma coroa em forma de arte. Fechou com chave de ouro uma obra magistral.

A última cena, aliás, é a que justifica o título do filme. Quando Eunice, com a memória apagada pelo Alzheimer reconhece o marido na televisão, ela volta por alguns instantes revelando que “ainda estava ali”, uma espécie de epifania.

O título “Ainda estou aqui”, explica a cena em que Marcelo, filho de Eunice e Rubens (vívido em sua fase adulta pelo ator franco-maranhense Antonio Saboia), e também autor do livro que dá origem ao filme, observava sua mãe, já numa etapa avançada do Alzheimer, tendo uma reação forte de emoção ao ouvir e ver na televisão uma reportagem que falava e mostrava imagens do marido desaparecido décadas atrás nos porões da ditadura militar. Significa que a doença não a tinha levado totalmente...

A última cena do filme, é bom ressaltar, fecha junto com o filme. Sem dizer uma palavra, ao mesmo tempo o vazio da doença e o último lampejo de consciência do Alzheimer. A última cena consagra o nome do filme.

A atuação da Fernanda Montenegro é simplesmente de uma genialidade que merece ser considerada uma das melhores da história do cinema. A capacidade artística dela de produzir algo tão intenso sem dizer uma única palavra é de arrepiar. Esse é um ponto muito chave para o filme: além da obviedade da homenagem conjugada a mãe e filha, vemos uma senhora no ápice de sua debilidade física gritando com seus olhos contidos que ela ainda estava lá, que ele também ainda estava lá.

Essa parte não é só um enfeite elegante, mas uma metalinguagem extremamente sofisticada que amarra todos os sentimentos do filme Ainda Estou Aqui no silêncio da maior atriz brasileira de todos os tempos.



Principais nomes do elenco de Ainda Estou Aqui



Fernanda Torres e Fernanda Montenegro, filha e mãe têm atuação magistral em Ainda Estou Aqui

AINDA ESTOU AQUI

A história começa em dezembro de 1970, na época do sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher por guerrilheiros que combatiam a ditadura. A primeira cena traduz visualmente o clima do período e a situação da protagonista. A placidez do banho de mar de Eunice na praia do Leblon, no Rio, é quebrada pelo sobrevoado barulhento de um helicóptero militar. Algo de ruim paira sobre a família Paiva. E privilégios socioeconômicos não são imunizantes diante da perseguição política.

Como se fosse um filme de terror que se desnuda aos poucos, no início Ainda Estou Aqui investe em cores, canções animadas e uma edição mais fragmentada para retratar o cotidiano alegre e amoroso, com portas e janelas sempre abertas, de Rubens, Eunice e os cinco filhos: a jovem Veroca (interpretada por Valentina Herzage na fase inicial e depois por Maria Manoella), as adolescentes Eliana (Luiza Kosovski/Marjorie Estiano) e Nalu (Barbara Luz/Gabriela Carneiro da Cunha) e as crianças Marcelo (Guilherme Silveira/Antonio Saboia) e Babiu (Cora Mora/Olivia Torres). Quando, no dia 20 de janeiro de 1971, agentes da repressão invadem a casa dos Paiva, as cortinas se fecham, a trilha sonora torna-se apenas instrumental, a montagem sinaliza uma passagem mais devagar do tempo: cada minuto parece uma eternidade para a protagonista enquanto espera a volta do marido, que teria sido levado apenas para prestar depoimento. Ela nunca mais o viu.



O franco-maranhense Antonio Saboia recebeu aplausos por sua atuação como Marcelo Rubens Paiva depois do acidente que o deixou tetraplégico

Maria Lucrecia Eunice Facciolla Paiva também foi presa, mas retornou para casa. Então, teve de se dividir em muitas. Com as filhas mais velhas, podia falar sobre o que estava acontecendo, embora preferisse se esquivar; com os caçulas, optou pela dissimulação protetora. Precisou arranjar um sustento financeiro enquanto buscava informações sobre Rubens. Acreditou em ilusões o quanto foi possível e recusou-se a padecer.

– Nós vamos sorrir – diz ao fotógrafo que queria uma pose triste ou mais séria da família para uma reportagem sobre o desaparecimento.

SELTON MELLO CELEBRA 40 ANOS DE CARREIRA

Fotos/Divulgação



No filme Ainda Estou Aqui, Selton Mello com Fernanda Torres e as crianças Guilherme Silveira e Cora Mora

Estrela de Ainda Estou Aqui, filme pelo qual foi ovacionado no Festival de Veneza, e de O Auto da Compadecida 2, um dos mais aguardados do ano pelo público brasileiro, Selton Mello revela os bastidores dessas e de outras produções de sucesso na autobiografia Eu Me Lembro.

A obra celebra quatro décadas de carreira e traduz memórias da família, dos amigos e a profundidade da relação do ator e diretor com a arte. A trajetória é narrada em primeira pessoa, em resposta a uma série de perguntas feitas por um time de 40 estrelas da TV, teatro, cinema e literatura.

Fernanda Montenegro, Matheus Nachtergaele, Fernanda Torres, o diretor Guel Arraes, Lázaro Ramos, Marjorie Estiano, Jeferson Tenório e Fábio Assunção são alguns dos nomes que ajudam a revelar um Selton de coração aberto: a carreira consolidada, suas dores, alegrias e uma história repleta de encontros de alma.

Publicação da Jambô Editora, o livro conta com três cadernos de fotografias, que retratam momentos distintos da vida do ator e somam mais de 70 fotos – um bônus à experiência de leitura. Ao longo dos capítulos, Selton se revela de forma tocante e poética, ri de si mesmo e da vida e entrega bastidores das produções de sucesso que deixaram

grandes marcas, especialmente para o cinema brasileiro.

E Matheus, cara, foi um encontro sobrenatural. Parecia que a gente se conhecia de outras vidas. Como somos complementares, funcionamos muito bem como uma dupla. O filme é todo sobre uma dupla. Já imaginou se não funcionasse? Não teve nenhuma leitura preliminar. Não teve testes para ver se a dupla era aquela! Não teve teste! Mágica pura. (Eu Me Lembro, p. 155)

As perguntas dos convidados abrem caminho para a intimidade que ele não costuma compartilhar publicamente. Exemplo disso são as passagens sobre a relação do ator com a mãe, Selva, acometida pelo Alzheimer e que faleceu em 2024, e a comunicação mais espiritual mantida pelos dois desde o agravamento da doença. Esse vínculo funciona como a premissa do livro, pois lembrar, hoje, é essencial para manter as memórias da infância no interior de Minas Gerais, ou nos corredores da TV dos anos 1980.

Com um texto sensível, Selton dá voz aos desafios encarados ainda no começo da carreira, quando enfrentou o ostracismo após um sucesso meteórico e duvidou do próprio talento. Fala, também, sobre como cada um dos entrevistadores para o livro marcou sua trajetória. A biografia diverte, ensina e comove. Um

mergulho profundo na alma de um dos maiores atores brasileiros de todos os tempos.

Para além de declarar seu amor à vida e à arte, ele se inspira em um grande sucesso ao dar o tom à narrativa. Em Sessão de Terapia, série que dirige e atua e com a qual retorna em 2025 para uma nova temporada, dúvidas e angústias são compartilhadas, criando a identificação do espectador com a busca por respostas.

No livro, o autor analisa, com humor refinado e muita ternura, as etapas da carreira e os percalços de forma lúcida e terapêutica, abordando questões delicadas, como transorno de imagem e depressão. Ele deixa o leitor à vontade para buscar nas entrelinhas um pouco mais sobre sua essência.

Eu Me Lembro é um livro sensível, engraçado, tocante e muito humano sobre a trajetória do criador de personagens inesquecíveis como Leléu, de Lisbela e o Prisioneiro, João Estrela, de Meu nome não é Johnny, e Benjamin, de O Palhaço, entre tantos outros seres encantadores que foram tocados por seu talento.

Com este livro-memória, Selton Mello compartilha vivências, sonhos e sentimentos, imortalizando um legado impressionante na televisão, no cinema, no teatro e na vida.



Todo o elenco de Ainda Estou Aqui reunido para uma foto com amigos, repetindo foto idêntica com Eunice e Rubens Paiva



Em Veneza, os principais nomes do elenco de Ainda Estou Aqui, vendo-se à direita e em último lugar o franco-maranhense Antonio Saboia



Vista de longe a estátua de um Pombo gigante que enfeita a paisagem de Nova York

UM POMBO EM NOVA YORK

Os pombos são considerados sujos, praga urbana, fonte de doenças, enfim, não têm uma boa reputação. Sabendo que o animal é tão icônico quanto detestado na cidade, o artista colombiano Iván Argote quis dar a ele uma chance de revanche com a escultura gigante Dinosaur, instalada no High Line, em Nova York, em outubro.

O pombo de alumínio foi pintado à mão de forma hiper-realista para ser abrigado no parque suspenso sobre a 30th Street com a 10th Avenue por 18 meses. A escultura de 900 kg e quase cinco metros de altura reverte a relação de poder com os pedestres e carros: agora, é ela quem nos observa de cima.

A obra ironiza tradicionais esculturas que homenageiam figuras históricas ao selecionar a ordinária e onipresente ave de Nova York como digna de ser representada em um monumento. A população de pombos, aliás, é maior do que a população humana da cidade: 9 e 8 milhões, respectivamente.

A escultura também levanta debates sobre migração. Uma placa de metal próxima à obra lembra que apesar do pombo fazer parte do cotidiano nova-iorquino, ele migrou para lá assim como muitos dos da cidade. Os animais foram trazidos da Europa no século 19 como alimentação e já foram utilizados para



A estátua do Pombo gigante vista de outro ângulo

comunicação durante as guerras mundiais.

O nome Dinosaur é uma referência ao tamanho monumental da escultura, mas também aos antepassados dos pombos. Podem não inspirar o mesmo medo, mas as aves são descendentes diretas dos dinossauros – foram 66 milhões de anos de evolução até os animais ganharem a aparência que conhecemos.

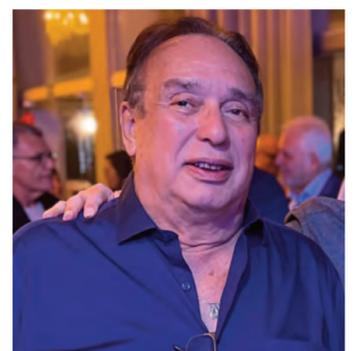
Até abril de 2026, será possível ver a escultura no The Plinth, região do High Line dedicada a exibir obras desde 2019. O espaço foi inaugurado com a Brick House, de Simone Leigh, um busto em bronze de uma mulher negra. Em 2021, foi a vez de Untitled (Drone), de Sam Durant, e antes de Dinosaur veio Old Tree, de Pamela Rosenkranz, uma árvore rosa-avermelhada, em 2023.

Fazer oitenta anos

O que pensam as pessoas, sobre chegar aos 80 anos? Depende muito da idade de quem está pensando. Para uma criança, chegar a essa idade, é ser, incontestavelmente, avô ou avó de muitos netos. Dar bons presentes no Natal, ser deixado de lado nas festas de aniversário porque são lugares onde geralmente tem muito barulho e os avós nunca gostam do barulho que as crianças fazem, mas mesmo assim, são eles que compram os melhores presentes. Enfim, para as crianças, ter 80 anos equivale a ser um cofrinho, só que bem mais poderoso que o deles, e onde as moedas não fazem barulho.

Para os que completaram 20 anos, ter oitenta anos é ser antiquado, ter dores embaixo, em cima, do lado, enfim, a decrepitude em pessoa. Estorvo: é como eles veem as pessoas de 80 anos. Eles têm absoluta convicção de que não chegarão lá, ou melhor, pensam que chegarão aos 80, com o vigor dos 25, é mais ou menos isso. Mas tem a turma dos trinta. A avaliação dos oitentos melhora consideravelmente aos olhos dos que têm 50 anos. Não são mais tão velhos, passam a ser "maduros". Afinal, começa-se a aceitar a ideia de que todos, crianças ou não, vão ter que encarar o "maldito" 80, mais cedo ou mais tarde, dependendo de como for a vida. Se ela estiver boa, passa como um raio. Se as coisas se complicarem, arrasta-se sonolenta e desesperadamente.

Mas, lentamente ou não, chegamos à turma dos cinquenta. Para esses, ter oitenta é ser menino ainda. Afinal, há quem diga que a vida começa aos 40. É mais ou menos nessa época, que descobrimos o espírito. Sim, porque a partir daí, precisamos dele para dizer que ele não envelhece, que tudo depende de como você encara a vida, que ser jovem é um estado de espírito, porque as rugas estão lá, traiçoeiras e atrevidas.



O empresário José Carlos Salgueiro é o mais novo oitentão da sociedade maranhense e comemorou a nova idade na última quinta-feira (14)

Você pode esticar feito a Fernanda Montenegro e parecer que está rindo, quando está chorando, mas eu ainda sou de opinião que é melhor não blindar nas danadas das rugas, porque quanto mais estica, mais o caldo entorna, essa que é a verdade.

Mas o designativo "menino(a)" é a marca registrada dessa idade, porque eu garanto a vocês, que nunca fui chamado de menino tantas vezes, como nesta última década. E agora estou me aproximando dos 80, embora faltem ainda quatro anos... Então, eu mesmo vou dizer como é ter 80 anos, para quem está quase lá...

Você acorda de manhã, cara amarrada e feia, porque todo mundo é feio com 80 anos de manhã, olha para o espelho, com cara de poucos amigos, espelho um pouco, só um pouco e diz lá com seus botões: – "Putz, você já viveu um bocadinho, hein?"

E sai pra vida, como se tivesse 20 anos...

Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

_evandrojr
 @evandrojr

Fotos/Divulgação



ANFLUENCIADORA DIGITAL Thaynara OG em seu novo apartamento de 300m², localizado na Ponta d'Areia. O imóvel reflete o estilo moderno e cultural da influenciadora, que participou ativamente de todas as etapas do projeto de decoração. A sala conta com um espaço amplo e uma visão incrível. Tudo pensado no visual maravilhoso que ela e seus convidados teriam.



O projeto foi desenvolvido pelos arquitetos Marcos Duailibe e Ana Catarina Léda. A sala principal do apartamento é ampla e iluminada, com grandes janelas que permitem a entrada de luz natural. O espaço é marcado por móveis de design contemporâneo, misturados com peças que trazem um toque cultural, como artesanatos locais e quadros de artistas maranhenses. A paleta de cores neutras, com pontos de cor vibrante, confere equilíbrio e personalidade ao ambiente.

Semana de Administração e Logística

A Faculdade de Negócios Faene vai realizar a I Semana de Administração e Logística, confirmada para os dias 27 e 28 de novembro.

A programação, entre outros assuntos, discutirá os novos modelos de negócio, metaverso, além de outros afins, a partir de mesas-redondas, oficinas, debates e palestras.

O evento é organizado por

professores e alunos dos cursos de graduação em Administração e em Logística. O tema central abordará inteligência artificial, empregabilidade e negócios.

Inteligência Artificial

A palestra de abertura, com o tema "Como implementar de forma segura na sua empresa", será ministrada por Luís Cláudio Cabral, doutor em Tecnologia da Informação, seguida de bate-papo sobre o futuro dos

empregos e a Inteligência Artificial (IA).

Já a palestra de encerramento, com o tema "A Inteligência Artificial e o impacto na empregabilidade" será ministrada pelo professor Saimon Felipe.

No dia 27, paralelamente ao evento, haverá inauguração de um novo espaço na instituição, ou seja, uma área multiuso educacional enfatizando a vocação da instituição de estar sempre na vanguarda do conhecimento.



A simpática empresária Patrícia Lima entre o jornalista Evandro Júnior e a promotor Ana Sousa no Restaurante Atlantis

Uma nova fase

O Rio Poty Hotel & Resort, na Ponta d'Areia, experimenta uma de suas melhores fases. O salto qualitativo vem sendo observado desde que o hotel passou para as rédeas do empresário paulista Jacques Blinder, que modernizou e investiu em parcerias para dinamizar o empreendimento e agradar ainda mais aos hóspedes.

O Rio Poty, aliás, ganhou ainda mais destaque com o impulso de gestão dado pelo paraibano Armando Ferreira. Um exemplo claro dessa modernização (retrofit) é o recém-inaugurado Beach Club Rio Poty, um complexo esportivo, de lazer e entretenimento que ficou um verdadeiro charme.

Jovialidade e bem-estar

Capitaneado pela carismática e dedicada família Lima, o espaço reúne quadra para a prática de tênis, vôlei de praia, futebol, futevôlei, um aconchegante SPA, academia de ginástica, restaurante, bar e playground para a criançada, tudo conectado à área de piscinas com bar molhado já existente, boate, lojas e salão de jogos eletrônicos. A atmosfera que impera é um misto de jovialidade com descontração e sensação de bem-estar.

Restaurante Atlantis

O Beach Club está sendo muito bem frequentado, principalmente pela turma jovem e descolada da Ilha do Amor que para lá se dirige no intuito de praticar esportes ou, simplesmente, ocupar as mesas do Restaurante Atlantis (o nome é inspirado na Grécia). O cardápio é bastante diversificado, com as delícias do Chef Ismael, e inclui as criações sugestivas de drinks assinados pelo bartender Fábio.

No andar de acima, é possível assistir a um deslumbrante pôr do sol em uma das mesas do Deck, onde foi instalado um aprazível bar. A vista para os demais cenários do hotel e para a Baía de São Marcos é um espetáculo à parte.

Sunsets com DJs

O melhor de tudo é que a agenda de eventos do Beach Club já está sendo montada e inclui sunsets ao som de DJs. Os eventos da casa contarão com o profissionalismo de Ana Sousa, uma das mais queridas, competentes e bem relacionadas promotoras do Maranhão.

Toda a estrutura tem à frente a expertise da família Lima. De um lado, Patrícia e Marcelo Lima. De outro, os filhos do casal: os jovens Marcelo Lima Filho e Bruno Lima. Os quatro sempre estão por lá, abrindo aquele sorriso e cortejando a quem chega de uma maneira bastante carinhosa, o que faz toda a diferença.



Vista do Beach Club Rio Poty para outros cenários do empreendimento hoteleiro



Apoena Mendes, Nazareth Mendes, Conceição Melo Rolim, Arionides Silva e Silva, Wanderlaan Rolim, Thiago Nelson e Joana Damasceno

A Faculdade CEST realizou sessão especial de lançamento de obras inéditas e apresentação de publicações lançadas por professores, gestores e convidados, marcando o encerramento da quinta edição da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca do CEST.

O evento reuniu autores que compartilharam inspirações e conhecimentos, reforçando seu compromisso com a produção e disseminação do saber, com foco na promoção da leitura e valorização do livro e da biblioteca.

Dentre os lançamentos, destaque para o artigo intitulado "Transformando a produção do conhecimento: o impacto da inteligência artificial na construção dos saberes", produzido em coautoria pela professora Maria de Nazareth Mendes, reitora do CEST, pela vice-reitora e assessora jurídica da instituição, Conceição Lima Melo Rolim, e pelo professor Thiago Nelson dos Reis, coordenador de Inovação e Tecnologias, sob organização da professora Querte Mehlecke.



O DEPUTADO estadual Roberto Costa, prefeito eleito do município de Bacabal, em momento saúde: se exercitando em um trecho da Avenida Litorânea. Ele diz que "a corrida é tanto mental quanto física, desafiando cada parte de nós a se superar"